

PATRICIA
CORNWELL

LIVRO DOS
MORTOS

TRADUÇÃO
Celso Nogueira



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2007 by CEI Enterprises, Inc.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original:
Book of the dead

Capa:
Elisa v. Randow

Foto de capa:
?

Preparação:
Cláudia Cantarin

Revisão:
Marise Leal
Veridiana Maenaka

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Cornwell, Patricia Daniels
Livro dos mortos / Patricia Cornwell ; tradução Celso Nogueira.
— São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

Título original: Book of the dead.
ISBN 978-85-359-1601-0

1. Ficção policial e de mistério (Literatura norte-americana) 2.
Romance norte-americano I. Título.

10-00203

CDD-813.0872

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção policial e de mistério : Literatura norte-americana 813.0872

2010

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707 3500

Fax: (11) 3707 3501

www.companhiadasletras.com.br

ROMA

Água espirrando. Uma banheira em mosaico cinzento embutida num chão de terracota.

A água jorra devagar de uma antiga torneira de bronze e a escuridão entra pela janela. Do outro lado da velha janela de vidro canelado há a praça, a fonte e a noite.

Ela se senta calada na água, e a água está muito fria, com cubos de gelo derretendo lá dentro; resta muito pouco em seus olhos — não tem muito mais dentro deles. De início, os olhos eram como mãos estendidas para ele, implorando para ser salva. Agora, têm o azul emaciado do entardecer. O que quer que havia neles já quase se foi. Logo, ela estará dormindo.

“Toma”, diz ele, entregando um copo de vidro Murano soprado a mão cheio de vodca para ela.

Ele está fascinado pelas partes que nunca viram o sol. São pálidas como calcário, e ele fecha a torneira quase completamente, deixa só um fio de água, para observar a respiração acelerada e ouvir os dentes batendo. Os seios brancos flutuam sob a superfície da água, delicados como flores brancas. Os bicos, duros de frio, são botões cor-de-rosa fechados. Depois ele pensa em lápis. Em mascar as pontas cor-de-rosa da borracha, quando estava na escola, e dizer ao pai e às vezes à mãe que não precisava de borracha porque nunca errava. Só que, na verdade, ele gostava de mascar. Não conseguia evitar, isso também era verdade.

“Você vai lembrar meu nome”, ele diz a ela.

“Não vou”, diz ela. “Eu consigo esquecer.” Tiritando de frio.

Ele sabe por que ela diz isso: Se ela esquecer o nome dele, seu destino terá de ser repensado como um plano de batalha ruim.

“Qual é?”, pergunta ele. “Me diga qual é o meu nome.”

“Não lembro.” Chorando, tremendo.

“Diz”, repete ele, olhando para os braços morenos, arrepiados, a penugem loira eriçada, os seios jovens e a escuridão entre as pernas, sob a água.

“Will.”

“E o resto?”

“Rambo.”

“E você achou isso engraçado”, diz ele, nu, sentado na tampa da privada.

Ela sacode vigorosamente a cabeça.

Mentira. Ela tinha feito pouco dele, quando falou seu nome. Riu e disse que Rambo era nome inventado, nome de filme. Ele disse que era sueco. Ela respondeu que ele não era sueco. Ele disse que o nome era sueco. De onde ela acha que veio? É um nome de verdade. “Certo”, disse ela. “Feito Rocky”, acrescentou, rindo. “Pois então olha na internet”, disse ele. “É nome de verdade”, falou e não gostou de ter de explicar seu nome. Isso acontecera dois dias antes, e ele não guardou rancor; mas se manteve consciente do fato. No entanto a perdoou porque, apesar do que o mundo diz, ela sofria insuportavelmente.

“Saber meu nome será um eco”, diz ele. “Não faz a menor diferença, não mesmo. É só um som que já foi dito.”

“Eu nunca vou dizer.” Pânico.

Seus lábios e unhas estão azuis, ela treme descontroladamente. Com olhar fixo. Ele lhe diz para beber mais e ela não ousa recusar. O menor ato de insubordinação, e ela sabe o que acontece. Até mesmo um pequeno grito, e ela sabe o que acontece. Ele se senta calmamente na tampa da privada, as pernas abertas para que ela veja seu excitação e fique com medo. Ela não implora mais, nem lhe diz *para fazer o que quiser com ela*, se por acaso tiver sido esse o motivo de tê-la feito refém. Ela não diz mais isso porque

sabe o que acontece quando o insulta e dá a entender que, se ele tivesse um *querer*, seria *com ela*. O que significa que ela não daria de bom grado nem por vontade própria.

“Você percebe que eu pedi educadamente”, diz ele.

“Eu não sei.” Os dentes batendo.

“Sabe sim. Pedi pra você me agradecer. Foi tudo o que pedi, e fui educado com você. Pedi com educação e você tinha que fazer isso”, diz ele. “Você tinha que me fazer agir assim. Você compreende” — levanta-se e olha para sua nudez no espelho, acima da lisura do mármore da pia — “que o seu sofrimento me faz agir desse modo”, diz sua nudez no espelho. “E eu não quero agir assim. Portanto você me feriu. Será que entende que me feriu mortalmente ao me fazer agir assim?”, diz sua nudez no espelho.

Ela diz que entende, e os olhos se dispersam como cacos espatifados de vidro, enquanto ele abre a caixa de ferramentas, e o olhar disperso se fixa nos cortadores, facas e limas depositados no seu interior. Ele ergue um pequeno saco de areia e põe na beirada da pia. Tira ampolas de cola cor de lavanda e põe na pia também.

“Eu faço o que você quiser. Te dou o que você pedir.” Ela já disse isso várias vezes.

Ele tinha dito que não era para ela dizer isso de novo. Mas ela acaba de dizer.

As mãos dele mergulham na água, a frieza da água gela suas mãos, ele agarra os tornozelos da moça e a suspende. Segura pelas pernas morenas e frias, pés brancos, e sente o terror nos músculos em pânico quando prende os dois tornozelos. Segura um pouco mais que da última vez, e ela luta, se contorce, se debate violentamente, a água gelada espadanando alto. Ele a solta. Ela engasga, tosse e dá gritos estrangulados. Não se queixa. Aprendeu a não se queixar — levou um tempo, mas aprendeu. Aprendeu que tudo isso é para seu próprio bem e se sente grata por um sacrifício que irá mudar a vida dele — não a dela, a dele — de um jeito que não é bom. Nunca foi bom. Nunca poderá ser bom. Ela devia agradecer pelo dom dele.

Ele pega um saco de lixo que enchera de gelo na má-

quina de gelo automático do bar e despeja o que sobrou na banheira; ela olha para ele, lágrimas escorrem pelo rosto. Dor. As beiradas sombrias da dor se mostrando.

“A gente costumava deixar eles pendurados no teto, por lá”, diz ele. “E chutava as laterais dos joelhos sem parar. Por lá. A gente entrava na saleta e chutava os joelhos deles na lateral. É uma dor tremenda e, claro, deixa o cara aleijado, e, claro, alguns até morriam. Mas isso não é nada, comparado com outras coisas que eu vi acontecer por lá. Eu não trabalhava no presídio, entende? Mas nem precisava, porque tinha muito desse tipo de comportamento em volta. O que as pessoas não entendem é que não foi burrice filmar aquilo tudo. Fotografar. Era inevitável. Você tem que fazer isso. Se não fizer, é como se nunca tivesse acontecido. Por isso as pessoas tiram fotos. E mostram para os outros. Só é preciso uma. E uma pessoa vendo. E então o mundo inteiro vê.”

Ela dá uma espiada na câmera sobre o tampo de mármore, encostada no reboco da parede.

“Mas eles mereciam, não mereciam?”, diz ele. “Eles nos forçaram a ser algo que não éramos, portanto de quem é a culpa? Não nossa.”

Ela concorda com um meneio da cabeça. Tiritando e batendo os dentes.

“Não era sempre que eu participava”, diz ele. “Mas olhava. No começo foi difícil, acho que até traumático. Eu era contra, mas as coisas que eles fizeram com a gente. E por causa do que eles fizeram, éramos forçados a revidar, então foi culpa deles sim se fomos forçados, e sei que você entende isso.”

Ela faz que sim, chora e treme.

“As bombas na estrada. Sequestros. Muito mais do que você sabe”, diz ele. “Você se acostuma. Assim como você está se acostumando com água fria, não está?”

Ela não está acostumada, apenas entorpecida e a caminho da hipotermia. A essa altura, a cabeça martela e o coração parece que vai explodir. Ele lhe estende a vodca e ela bebe.

“Vou abrir a janela”, diz ele. “Para você escutar a fonte de Bernini. Eu escutei a maior parte da vida. A noite está perfeita. Você devia ver as estrelas.” Abre a janela e olha para fora, para as estrelas, para a fonte dos quatro rios e para a *piazza*. Vazia, a essa hora. “Você não vai gritar”, diz ele.

Ela balança a cabeça, o peito arfa e ela treme descontroladamente.

“Está pensando nas suas amigas. Eu sei disso. Com certeza elas também estão pensando em você. É uma pena. E não estão aqui. Não estão em nenhum lugar à vista.” Ele olha para a praça deserta e dá de ombros. “Por que estariam aqui agora? Elas se foram. Faz tempo.”

O nariz dela escorre, as lágrimas jorram e ela tiritita. A energia em seus olhos — não é mais como quando ele a conheceu, e ele se ressentia por ela ter arruinado quem ela era para ele. Mais cedo, bem mais cedo, falou italiano com ela, porque isso o transformava no estrangeiro que precisava ser. Agora fala em inglês porque não faz mais diferença nenhuma. Ela dá uma olhada em sua ereção. As espiadas dela ricocheteiam como uma mariposa contra a lâmpada. Ele a sente ali. Ela teme o que tem ali. Mas não tanto quanto teme todo o resto — a água, as ferramentas, a areia, a cola. Não compreende o cinto grosso de couro que jaz enrolado nos ladrilhos antigos do chão, e é isso que deveria temer acima de tudo.

Ele pega o cinto e diz a ela que é um impulso primitivo, bater em gente que não consegue se defender. Por quê? Ela não responde. Por quê? Ela olha para ele aterrorizada, e a luz em seus olhos é embaçada, insana, feito um espelho se espatifando na frente dele. Ele diz para ela se levantar, e ela se levanta, trêmula, os joelhos quase cedendo. Fica de pé na água gelada e ele fecha a torneira. O corpo dela o faz pensar num arco com a corda retesada, porque ela é flexível e poderosa. A água escorre do corpo, com ela parada na frente dele.

“Vira para o outro lado”, diz ele. “Não se preocupe. Não vou espancá-la com o cinto. Não faço isso.”

A água se movimentava silenciosamente na banheira quando ela se vira para o velho reboco rachado e para uma veneziana fechada.

“Agora quero que você se ajoelhe na água”, diz ele. “E olhe para a água. Não olhe para mim.”

Ela se ajoelha, de frente para a parede, ele apanha o cinto e enfia a ponta na fivela.